

26 JUN 1987

As sombrias perspectivas do futuro

Con. Brasil

Do noticiário de ontem é possível apreender a realidade sombria que o Brasil já está enfrentando, como consequência do desgoverno em que imergiu. Em menos de dois minutos cerca de 40 pessoas, entre as quais velhos e crianças, invadiram e saquearam um supermercado na periferia (Zona Leste) de São Paulo. As montadoras da indústria automobilística vão começar a demitir em massa. Só duas delas, no ABC paulista, deverão dispensar quase quatro mil funcionários. Em Vitória, Espírito Santo, houve invasão de um conjunto residencial da Cohab. Quem pensava que foi ela praticada por grupos característicos de sem-teto estará completamente enganado: a violência coube a típicos representantes da classe média, médicos, engenheiros e comerciantes, que chegaram em seus carros, levando até móveis e eletrodomésticos. Por último, divulgou-se que a CNBB teria alertado o presidente da República para a iminência de uma convulsão social no País.

É o caso de indagar: como poderia ser diferente? Entre incompetente e omisso, o poder público se desgasta, a cada dia que passa, perante a sociedade como um todo. Ela intui a probabilidade de uma débâcle, a aproximar-se em linha reta. O malogro da economia não se deve àquilo que possa ter ocorrido no Brasil antes de instalar-se esta Novíssima República, incapaz de dizer ao que veio.

Não. Tudo o que se fez de errado e condenável sob os governos militares (e não foi pouco) jamais poderia justificar o somatório de equivocos, abusos e desmandos que vêm ocorrendo depois de 15 de março de 1985. Pensa-se ingenuamente que qualquer problema pode ser equacionado de maneira correta em termos políticos. Recruta-se um apoio aqui, concede-se uma compensação ali, libera-se uma verba cá, juntam-se votos acolá; e nesse val-da-valsa o Brasil chafurdia em dificuldades sem nome e sem medida. Não há como combater eficazmente o déficit público se os Estados se converteram em pensionistas da União, de cofres arrombados e sem receita para pagar seus funcionários? Aliás, cumpre perguntar: quantos serão ociosos e inúteis nas coortes de servidores que se entregam a todo tipo de greves, vedadas por lei, para receber vencimentos majorados e auferir vantagens diversas? Ora, o auxílio do Erário às unidades federadas tem sido generoso, desde que haja reciprocidade, isto é, que os governadores comandem parlamentares fiéis, arregimentando-os para que pratiquem proezas como aderir a mandatos de quinquênio, prefixados por antecipação à margem da lei etc.

Eis um exemplo de como a politicagem arrasa a economia, gerando emissão de dinheiro vil que vai impulsionar os índices da inflação para a estratosfera. Pior, porém, é o clima

de delinqüescência que se cria em função de artes e manhas enraizadas nas ações dos poderosos do dia. As palavras de Sancho Pança, rei da Barataria, faminto e obrigado a dieta rigorosa para recuperar-se de indisposição, tornaram-se, ao que parece, norma de conduta amplamente aceita: "Decreto que se me dé de comer". O sr. Dilson Funaro deixou a Pasta da Fazenda condenando a impunidade generalizada que reina no País. Ele mesmo, entretanto, só se lembrou de criticá-la quando se afastava do ministério. Foi pena que não corresse a todo o prestígio de que dispunha (e ponha-se prestígio nisso!) para reclamar com utilidade e colocar-se como defensor vigilante e eficiente da moralidade pública. Seja como for, tem-se presente que nada acontece a quem disponha de bons padrinhos, ou seja, amigo do rei nesta Pasárgada; os escândalos se multiplicam, as denúncias se avolumam, muitos são os acusados — mas ninguém é castigado.

Ora, não pode deixar de ser nefasta a equação economia em crise aguda e profunda mais esvaziamento da autoridade inepta que ainda por cima fecha os olhos à desonestidade e brinca de poder, gestionando interminavelmente para ganhar espaço político e ficar mais tempo onde está e contar com mais eficazes instrumentos de mando e nomear mais, usando a Administração para cercar-se de áulicos diligentes e prestativos, premiar congressistas em

troca de sustentação, engordar o contingente já numeroso e oneroso da *nomenklatura* cabocla. O povo percebe, nas condições de temperatura e pressão adversas em que está vivendo, que as perspectivas com que se defronta são negras; ou, em outras palavras, que nada tem a esperar dos dias que virão. E em cada segmento da sociedade o descontentamento, o desânimo, o pessimismo e a revolta vão granjeando adeptos que, não conseguindo enxergar a linha de um horizonte desanuviado, chegam ao desespero e decidem apelar.

O Brasil está cheio de muitas palavras — vazias, inconsequentes, proferidas mais para esconder intenções duvidosas do que para exprimir sentimentos autênticos e nobres. Quebraram-se os laços de solidariedade social que funcionam como força centrípeta para garantir a coesão da vida coletiva. No momento em que o País ingressa em processo ruinoso de recessão econômica, que se tem a esperar de bom, em sã consciência? Infelizmente, nada. Ou se transforma radicalmente o quadro descrito com cores realistas ou será impossível evitar o pior. Resta saber se haverá amanhã; ou, em outras palavras, se a Nação terá sorte suficiente para tentar alterar o rumo dos acontecimentos, encontrando homens públicos que saibam inverter as tendências dominantes; ou se o futuro será mesmo esse que se prevê, para mal de todos e infelicidade geral.